

ESTRANGEIRIDADES EM TERRAS CONHECIDAS¹

Luíza Nunes Silva Fonseca²
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
luizansf@gmail.com

RESUMO

A ideia de buscar relações entre viagens e geografia surgiu a partir de uma proposta durante uma aula da disciplina de Estágio Curricular no curso de Geografia, onde coube a cada um da turma elaborar uma aula de geografia sobre alguma coisa que se goste muito. Pensando nas possíveis formas de se viajar, procurei estabelecer conexões entre o deslocamento: ação pela qual a viagem é dada, o espaço geográfico e possíveis práticas pedagógicas capazes de gerar um estranhamento que desloque nossos pensamentos de forma tão intensa quanto as viagens feitas “com os pés”. O geógrafo e o viajante se encontram quando se deslocam: observando, compreendendo, pensando, fugindo.

PALAVRAS-CHAVE: geografia e viagens; deslocamentos; intervenção urbana

SOBRE A VIAGEM E A GEOGRAFIA



Intervenção “Azulejos de papel” disponível em <http://www.poro.redezero.org/azulejos>

¹ Texto originalmente apresentado no V Seminário Conexões e XII Simpósio Internacional de Filosofia (UNICAMP) que aconteceu entre os dias 20 e 23 de agosto de 2013.

² Acadêmica da 7ª fase de curso do curso de Geografia/FAED/UDESC, membro da Rede Nacional de pesquisas em Geografias, Imagens e Educação, Polo Santa Catarina, articulado ao grupo Geografias de Experiência vinculado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia/LEPEGEO/FAED/UDESC. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), subárea Geografia, sob a orientação da Profª Dra. Ana Maria H. Preve.

O que eu proponho é uma experiência. Uma experiência de viagem e de geografia. Parto da pergunta: até que ponto a geografia se relaciona com a viagem? O que essas duas coisas compartilham em comum? Não me refiro aqui ao simples fato de viajar para tirar provas reais sobre um lugar (ou alguma coisa) tal qual foi imaginada por um viajante qualquer quando decide fazer turismo. Falo de estar presente em algum lugar e visualizar aquilo o que ele é, afinal fugir de nossas expectativas ou distanciarmos de nós mesmo durante a viagem é essencial para que se possa refletir e produzir conhecimento, num mundo onde hoje tudo já nos é dado pronto, como se não precisássemos mais pensar ou entrar em contato com as coisas, porque aquilo que “precisamos” saber já está pronto, pronto para consumirmos.

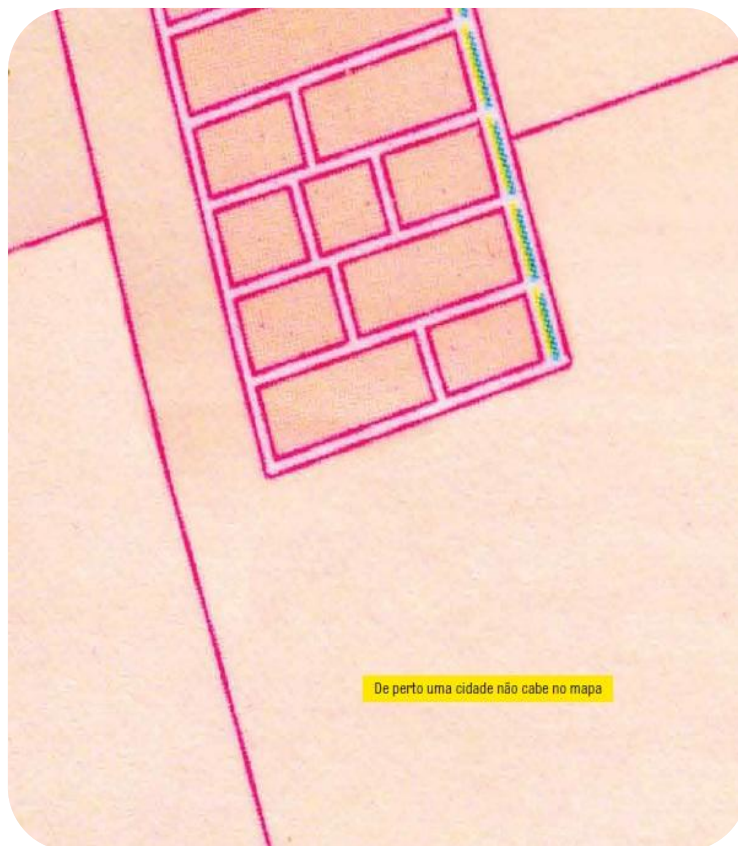
A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 19).

Tendo a experiência como algo que nos acontece, pergunto: o que nos acontece? Quando Larrosa propõem que precisamos sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, cultivar a arte do encontro, suspender o automatismo da ação fica, é claro que estamos na contramão disso tudo. Para que algo nos aconteça, primeiramente, devemos nos permitir para isso. Assim quando embarcamos em uma viagem: devemos percorrer o maior número de lugares possíveis absorvendo o máximo deles? Saturar-se de informações sobre os lugares? Ou percorrê-los, quase que de olhos vendados, entregue, desacelerando os nossos sentidos e assim, atentamente, absorvendo aquele lugar em nosso corpo, experimentando-o. Não se trata de uma questão de conhecer “certo” ou “errado”, trata-se de pensar de que forma estaríamos estabelecendo algum tipo de relação e contato com os lugares, e não somente passando por eles e contemplando-os.

A CIDADE E SEUS FLUXOS INTERMITENTES DE INFORMAÇÃO

As relações, as coisas e tudo na cidade têm acontecido de forma excessivamente acelerada. Pessoas nas ruas, passos rápidos, carros correndo, sons, barulho, barulho, muito barulho, papeis, pessoas entregando papeis não lidos, jogados no chão, luzes, placas, *outdoors*, e tudo mais. O excesso e a rapidez nos impedem de observar a cidade, sintonizar coisas, sentir coisas. Como experimentar essa cidade acelerada? Como estabelecer relações com este espaço e pensar sobre ele? Este encolhimento do espaço-tempo também encolhe as nossas experiências com as cidades, a ponto de muito mais do que encolher: reduzir a nada.

A ideia de buscar relações entre viagens e geografia surgiu a partir de uma proposta durante uma aula da disciplina de Estágio do curso de Geografia, onde coube a cada um da turma elaborar uma aula de geografia sobre alguma coisa que se goste muito. Pensando nas possíveis formas de se viajar, procurei estabelecer conexões entre o deslocamento: ação pela qual a viagem é dada, o espaço geográfico e possíveis práticas pedagógicas capazes de gerar um estranhamento que desloque nossos pensamentos de forma tão intensa quanto as viagens feitas “com os pés”.



Intervenção “*Brasília: (Cidade) [Estacionamento] (Parque) [Condomínio]*”
disponível em <http://www.poro.redezero.org>

O geógrafo e o viajante se encontram quando se deslocam: observando, compreendendo, pensando, fugindo. Deslocar-se para conhecer, para aprender, para compreender. O deslocamento – territorial ou mental – nos põe em movimento, em estado de reflexão ou mesmo num estado de caos, quando não se conhece ou não se entende alguma coisa que se põe diante a nós: uma situação, um lugar, um sentimento. O não entendimento (e junto dele, o não conhecimento) também nos dá abertura para buscar compreender e ver outras coisas, muitas vezes, é partindo do desconhecido que iniciamos essa viagem, esse deslocamento mental passando por lugares ainda não descobertos, tendo experiências inéditas.



Intervenção “*Jardim*” disponível em <http://poro.redezero.org/ver/intervencao/jardim/>

VOCÊ JÁ VIAJOU HOJE? O QUE É VIAJAR PRA VOCÊ?

As intensidades se distribuem no espaço ou em outros sistemas que não precisam ser espaços externos
G. Deleuze³

A viagem não está limitada apenas no campo territorial, espacial-concreto. A viagem também está presente em nossos pensamentos, em nossos deslocamentos, por menores que eles sejam. Então a partir daqui é possível levantar um questionamento sobre qual seria o real sentido da viagem ou o que buscamos ao partir em uma.

Não apresento uma resposta para isso porque só encontraremos os caminhos para ela dentro de nós mesmos. Mas a viagem nos proporciona sentimentos, inúmeros. A viagem também é uma forma de expandirmos nossos olhares, pensamentos, sentidos e sentimentos. Também é experiência, porque nos acontece. Mas essas mesmas sensações também não se fazem presente enquanto estamos parados? Sonhando, lendo, conversando com alguém, ouvindo uma música ou assistindo a um filme? Andando pelas ruas rumo a nossos destinos, ou simplesmente imóveis, em algum lugar? Essas expansões que as viagens nos provocam, não são as mesmas que vivenciamos ao logo de nossas vidas, durante as mais diversas situações? Digo: nossos deslocamentos via imagens, músicas, leituras ou filmes também nos transportam para outros territórios apontando estrangeirismos dentro do conhecido, provocando em nosso corpo as mesmas sensações de uma viagem no espaço-concreto, pois o pensamento é deslocado a partir de um princípio ativo e a partir dele é feita uma leitura a fim de compreender o espaço.

A viagem com sentido de deslocamento do pensamento tem tudo a ver com a geografia. Quando estamos em contato com algum lugar e o percorremos, o nosso cérebro já habilita um campo geográfico. Produz caminhos, destinos, metas, faz um mapeamento do lugar onde estamos (quando já se compreende o lugar), identifica cores, sons, cheiros, formas, temperaturas e é como se ele orientasse geograficamente esses nossos deslocamentos.

Me aproprio das imagens do **grupo Poro** para ilustrar meu trabalho e minhas reflexões⁴. O **Poro** é a uma dupla de artistas formada por Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada que atua desde 2002 com intervenções urbanas e ações efêmeras, apontando sutilezas, criando imagens poéticas e trazendo a tona aspectos da cidade que se tornaram invisíveis. O grupo compreende a arte como

uma forma de criar relações com o mundo a partir de signos, gestos e/ou objetos. Com essa noção, lançamos nosso olhar para o espaço urbano, onde, desde 2002, desenvolvemos nossos projetos. (PORO, 2011, p.7).

Tendo o espaço urbano como campo de ação, o Poro propõe intervenções poéticas com temáticas relacionadas a este espaço e com as possíveis relações entre trabalhos artísticos e os espaços públicos. Buscam gerar espaços de encantamento, suspensão e desvio, fazendo com que o sutil tenha espaço e apareça em meio à cidade acelerada, cada vez mais levada a uma verticalização árida, ao concreto e ao asfalto, em suas pistas duplicadas (PORO). Aqui é possível abrir um espaço para estudar as imagens como uma potente linguagem na produção do conhecimento geográfico. Em

³ (www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-degilles-Deleuze)

⁴ Para saber mais consultar site do grupo Poro: intervenções urbanas e ações efêmeras em <http://www.poro.redezero.org>

seu texto “A Educação pelas Imagens e suas Geografias”, OLIVEIRA Jr. fala que as imagens são parte cada vez mais intensa da multiplicidade que compõem o espaço atual. Tendo o espaço como objeto de estudo, a geografia também casa com essas muitas outras linguagens que fogem as linguagens tradicionais tão utilizadas nos estudos de geografia, como os mapas, as fotografias aéreas e imagens de satélite, e abre espaço para outras formas de mapear o mundo.

Com as produções do grupo, proponho deslocamentos mentais ou territoriais capazes de apontar essas estranheiridades em terras conhecidas, na busca de nos retirar das obviedades cotidianas, nos fazendo experimentar a cidade muito mais que saber coisas a respeito dela. Assim como numa viagem a uma terra estrangeira. Estar atento à cidade e ao que ela – em seus espaços, suas estruturas – tem a nos dizer. Como Ítalo Calvino cita em *As cidades Invisíveis*: “A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente”. Uma imagem de cidade então é criada, ou ainda, reforçada por conta da repetição, da redundância e assim, aloja-se em nossa memória, que se torna redundante também.

As repetições imagéticas acerca do espaço paralisam o pensamento e asseguram uma comunicação com a informação espacial e não nos impulsionam para uma experiência *nos* e *com* os espaços. (PREVE, 2013, p. 53).

Quando se propõem ocupar espaços com interferências questionadoras, de certa forma questiona-se certa imagem de cidade, que também pode ser encarada como um modelo de cidade a ser seguido e aceito. E ao mesmo tempo em que se questiona uma imagem de cidade, criam-se outras imagens, de outras cidades – dentro do mesmo espaço – estas talvez, as cidades invisíveis. Apontar estranheirismos dentro daquilo o que já é conhecido, dentro da cidade que já é mapeada, milimetricamente traçada, fotografada, percorrida, é como buscar no caos algo que passou despercebido diante nossos olhos. Mesmo porque nosso campo de visão não dá conta de tudo aquilo o que compõe as paisagens, precisamos de ferramentas que possam ampliar esse nosso campo, as imagens são potentes nesse sentido, porém, recorrer às imagens clichês de uma cidade faz com que fiquemos cegos diante o próprio espaço.

Ao grafar o espaço sob diferentes perspectivas, essas imagens desejam que miremos o espaço sob a perspectiva que elas nos dão dele. Buscam gestar e perpetuar uma maneira de imaginar o espaço. Nessa busca, elas também estão produzindo formas não só de imaginar o real, mas também de percebê-lo e concebê-lo. Elas nos educam o olho para ver sob determinada maneira e nessa esteira vão produzindo nossas memórias e as formas da nossa imaginação do real. (OLIVEIRA Jr., 2009, p. 20).

As inúmeras formas de intervenções artísticas presentes no espaço urbano podem ser encaradas como potentes formas de se pensar e compreender o espaço geográfico, além de dar voz a outras imagens que representem algo real sobre as cidades. As intervenções, podendo ser efêmeras em alguns casos, são aquilo o que busco dentro do caos da cidade para proporcionar um *ver a mais* sobre este espaço. Ver e se possível ouvir o que quem as faz tem a dizer sobre a cidade, que comunicação quer estabelecer com o espaço. Por de trás dos grafites desenhados nos muros, nas pixações em concretos, das colagens, *stickers*, corpos, instalações, existem vozes, existem outras cidades que não são vistas nas imagens clichês. Estas intervenções recriam o espaço, atribuem a ele outra função e também despertam em nós, outros sentimentos com os

lugares. Essa é a experiência, de passar por uma rua e observar essas ações, e de prestar atenção naquilo o que elas fazem com a gente. Deslocar-se para conhecer, experimentar, expandir as formas de se fazer geografia. Deslocar-se para reinventar aquilo que já existe.

RUMO À VIAGEM!

A primeira experiência aconteceu com uma turma do segundo ano do ensino médio em na E.E.B. Simão José Hess, em Florianópolis. Selecionei imagens apresentando algumas intervenções gráficas feitas em cidades e imagens contendo os trabalhos desenvolvidos pelo grupo Poro, e em seguida distribuí para a turma observar essas imagens. Propus realizarmos um deslocamento observando tais imagens, buscando identificar sua essência, seus porquês. O objetivo era fazer com que os alunos captassem a mensagem existente por trás do papel, por traz de cada uma daquelas artes que se espalhavam pela sala de aula, e até que ponto aquilo que eles observavam se relacionava com os lugares, as ruas, as calçadas que eles transitam todos os dias. Sensibilizar o olhar. Não pisei naquela sala de aula acreditando que todos fossem gostar ou entender o que eu pretendia fazer. Pisei nela com uma proposta de atividade, como que querendo sacudir aqueles alunos para despertarem e observarem outras coisas, se deslocarem mentalmente por outros caminhos. Muito mais do que dar uma aula de geografia pura, naquele momento eu queria aproximar eles de algo que eu gosto e penso ser uma importante forma de comunicação, de expressão entre nós, pessoas, e os muros, postes e ruas das cidades.

A aula superou minhas expectativas. Mas agora penso: de certa forma eu criei alguma expectativa antes de embarcar nessa aula. Como quando às vezes fazemos antes de partir para uma viagem. E como quase sempre acontece, para o viajante, a superação das expectativas e a aproximação de um lugar onde você não havia mantido contato antes, um lugar que você não conhecia, traz a surpresa, a emoção, o encantamento ou mesmo a frustração.

Quando pisei em sala senti certo afastamento dos alunos comigo. Decidi testar mudar a disposição das carteiras na sala. Enfileirados, eles me olhavam um pouco assustados, com cautela, quase que prontos para receber ordens. Alterando a disposição das carteiras (para um grande círculo), os campos de visão e de toque ampliavam-se, uns olhavam os outros, se tocavam, interagem. O olhar tido sobre mim anteriormente, mudara. Não digo que houve cem por cento de participação durante a oficina, mas houve um número considerável de participantes interessados. Quis deixa-los livres, à vontade para explorarem as imagens, pensar e estabelecer trocas com seus colegas.

Reflexão

Calma

Tempo!

Aproximação



Intervenção “Anestesia = perda da sensibilidade”
disponível em <http://poro.redezero.org>

Criar um campo de desaceleração para experimentarmos as coisas, os lugares, e para nos experimentarmos. Estabelecer elos, pontes, contato. Ainda não criei espaço suficiente para abrir a cortina e expor a geografia no palco, como cenário de tudo isso, mas pensando em *reflexão, calma, tempo e aproximação*, sei que logo menos a turma estará pronta e eu também. Ainda assim, foi possível colher alguns frutos daqueles que já se sentiram seguros para falar algo sobre intervenção, algo sobre geografia e o espaço urbano, e que conseguiram deslocar seus pensamentos através das imagens apresentadas em sala. Uma aluna da turma, olhando as imagens selecionadas, disse: “*Isso são jeitos que as pessoas encontram pra se expressar, expressar suas ideias, o que acham ou querem*”.

E A VIAGEM CONTINUA...

A segunda experiência aconteceu com uma turma do terceiro ano do Ensino Médio na mesma escola. A proposta da oficina seria a mesma, mas a resposta dessa turma foi bastante diferente da outra. Como eu havia obtido um resultado positivo quando alterei a disposição das carteiras em sala, repeti a mesma ação com essa turma, porém, o efeito não foi o mesmo.

A turma é pequena, com cerca de quinze alunos. A grande maioria permaneceu calada durante todo o período da oficina, alguns poucos se manifestaram durante uma conversa e outra, porém sempre partindo de um esforço nosso. Essa apatia da turma dificultou o desenvolvimento da oficina, para explorar as imagens, conversar sobre elas, ouvir e expor ideias, sentimentos. Era como se eles se encontrassem anestesiados diante o mundo, como se o deslocamento não acontecesse, como se permanecessem parados não só fisicamente mas também mentalmente. Como se não ficassem surpresos ou tocados com nada. Mas nessa turma, ainda assim, uma aluna respondeu de forma diferente dos outros. Entre as imagens que selecionei para trabalhar na oficina, uma delas era uma fotografia de um *band-aid* gigante fazendo um curativo entre dois pedaços de uma calçada que foram separados por uma grande rachadura. Essa imagem chamou bastante a atenção dessa aluna, que disse que era “*uma forma de chamar a*

atenção para as ruas da cidade que possuem buracos, rachaduras nas calçadas”. Nesse momento fiquei um pouco mais aliviada ao ver que alguém ali estava acordado, pensando, observando atentamente e que de certa forma estava identificando um determinado espaço, observando aquela imagem. Buscando estabelecer uma troca de ideias, partindo das intervenções urbanas para fazer uma leitura do espaço urbano – aquele que é o cenário de todas essas manifestações – procurei apresentar relações entre as imagens e as cidades, o urbano, os espaços vazios nas cidades, as mensagens que as intervenções trazem para as ruas, para este espaço. Mais uma vez a participação foi mínima e houve muita dificuldade em conseguir extrair da turma alguma opinião, algum pensamento, alguma fala, quase qualquer fala. É complicado identificar as causas desse estado de anestesia dos alunos. Do desinteresse, do cansaço, da vontade de não estar ali, mesmo propondo uma aula diferente daquelas longas horas de conteúdos. Os momentos em que eles demonstram alguma reação, qualquer que seja, são raros... mas não é desistindo que iremos encontrar soluções. Nesse suposto desinteresse tenho insistido!

SOBRE ESTRANGEIRIDADES EM TERRAS CONHECIDAS

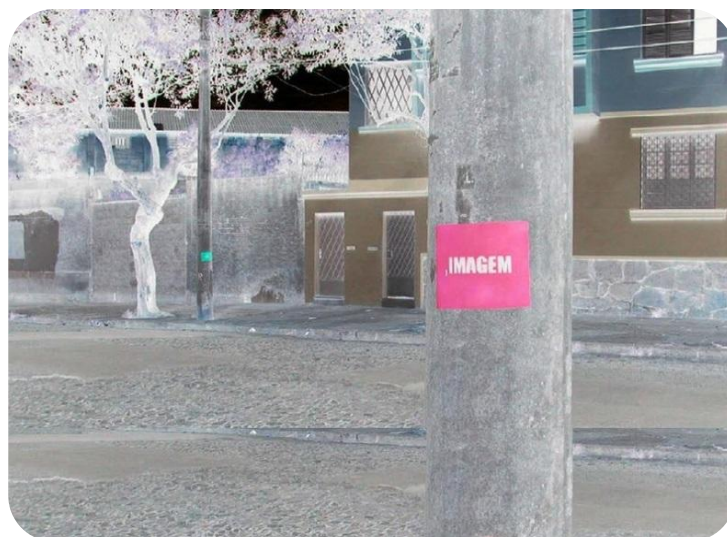
Sobre estrangeiridades em terras conhecidas procuro causar estranhamentos, provocações, extrair algum tipo de sensação sobre um lugar. Vive-lo, observá-lo, experimentá-lo de uma outra forma, buscar detalhes, ocupar espaços. O deslocamento atento é capaz de nos apontar outros espaços antes não tidos como conhecidos é capaz de nos transformar em verdadeiros viajantes.



Intervenção “Passarinhos” disponível em
<http://poro.redezero.org/ver/intervencao/jardim/>

*Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua é a parte principal da cidade.*

(Paulo Leminski – Toda poesia 1ª ed)



Intervenção “,Imagem... cor” disponível em
<http://poro.redezero.org/ver/intervencao/jardim/>

Como diz Deleuze, “a viagem [é] a transversal da multiplicidade dos lugares”. Assim, algo em nós precisa se mover para que essa transversal seja traçada. Talvez esse movimento seja mínimo, mas é com o mínimo, o quase insignificante ou imperceptível, que uma viagem começa...

Esses caminhos pelos quais tenho me deslocado, entre cidades, arte, viagens, intervenções na cidade, educação em parte foram sendo abertos a partir de discussões e encontros do grupo Geografias de Experiências, vinculado ao Projeto Interinstitucional Imagens, Geografia e Educação. A partir de nossos encontros tem sido possível experimentar a geografia e também deslocar-se por outras áreas, produzir geografias menores, testando outras formas de se fazer geografia. Deixar as repetições e os clichês de lado e buscar alguma coisa nova, capaz de nos movimentar, de nos deslocar dentro daquilo o que vem se tornando tão repetitivo e chato. As experiências do grupo também tem nos proporcionado experimentar a educação, tirar as nossas práticas da zona de conforto, ter outro olhar sobre a geografia, seu ensino e nossa formação como educadores mostrando que há um outro mundo a se pensar também.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2.ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003
- LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**.
- LEMINSKI, Paulo. **Toda a poesia**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2013.
- OLIVEIRA JR., W.M. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografia menores. **Pro-posições**, Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17 – 28, Set./ Dez. 2009.
- PORO; CAMPBELL, Brígida; TERÇA-NADA, Marcelo. **Intervalo, respiro, pequenos deslocamentos: ações poéticas do Poro**. São Paulo: Radical Livros, 2011.
- PREVE; Ana Maria. Geografias, Imagens e Educação: Experiências. *Entre-Lugar*, Dourados, MS, ano 4, n.7, 1. semestre de 2013.